

Pontacabeça

Stela permitia-se experimentar-se, sentir-se estranha entre estranhos, sem língua própria. Inventava na língua uma língua de algum modo *estrangeira*, como queria Proust lido por Deleuze:

(...) a literatura produz na língua (...) precisamente uma espécie de língua estrangeira, que não é uma outra língua, nem um dialeto regional redescoberto, mas um devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um delírio que a arrasta, uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante (...). (DELEUZE: 1997, p. 15)

A fala de Stela é do tipo “nobre” – em oposição ao tipo “escravo” descrito por Nietzsche – aquela que vai cunhar seus valores pela ação e vem a conhecer uma saúde mais forte, uma digestão mais fácil de seus afetos, com confiança e firmeza em seus instintos. Não abre mão do vigor, do orgulho, da agressividade, estas paixões que segundo Nietzsche são ativadoras da vida, porque estão ao lado de uma vontade de potência que afirma a vida, vida enquanto luta, violentação, expansão; estas paixões que falam de formas mais vigorosas de vida, em que há uma escuta dos instintos sem privilégio da razão.

A fala de Stela realiza um diagnóstico do organismo

É dito: pelo chão você não pode ficar
 Porque lugar de cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo
 Pelas paredes você também não pode
 Pelas camas também você não vai poder ficar
 Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
 Porque lugar de cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo
 (Patrocínio: 2001, p.52)

e ao mesmo tempo cria para si um corpo inteiramente vivo, um *corpo sem órgãos*:

De um lado de outro pela frente pelo fundo
 Pela boca pelos olhos pela cabeça
 Pela pele pela carne pelos ossos
 Pela larguez pela altura
 Pelo corpo todo
 Quem sofre sou eu
 Quem passa mal sou eu
 (PATROCÍNIO: 2001, p. 106).

Corpo sem órgãos, expressão de Artaud que entende o corpo não como um organismo, mas como espaço intensivo que permite passagens no combate às estratificações que querem amarrar, aprisionar a vida:

O corpo sem órgãos (...) é percorrido por uma onda que traça no corpo níveis ou limiares segundo as variações de sua amplitude. (...) De modo que a sensação não é qualitativa nem qualificada; ela possui apenas uma realidade intensiva que nela não determina mais dados representativos, mas variações alotrópicas. (DELEUZE: 2007, p. 51)

Ao lado do organismo, a significância e a subjetivação constituem os três estratos que nos constroem de forma mais direta. O que se percebe é que Stela traçou um plano onde não é mais o organismo que funciona, mas o *corpo sem órgãos* que se construiu na experimentação com a língua, afastando-se de qualquer interpretação. Em seu lugar aparecem sons, cores, lembranças, pouco importa se objetivamente realidade ou fantasia.

Se eu pegar a família toda de cabeça pra baixo
 E perna pra cima
 Meter tudo dentro da lata de lixo e fazer um aborto
 Será que acontece alguma coisa comigo?
 Vão me fazer alguma coisa?

Se eu pegar durante a noite novamente a família
 Toda de cabeça pra baixo
 E perna pra cima
 Jogar lá de dentro pra fora
 Lá de cima cá pra baixo
 Será que ainda vai continuar acontecendo
 Alguma coisa comigo?
 (Patrocínio: 2001, p. 131)

O que constitui o corpo sem órgãos não é a ausência de órgãos ou simplesmente a presença de órgãos indeterminados, mas a permanência temporária de determinados órgãos, que duram enquanto durar a sensação ou a vibração que se dá no encontro com as forças do fora. Ao término dessa sensação esse órgão se desloca para outros lugares.